

RESUMO

A visita de Vargas à Cuiabá é abordada através da recuperação dos passos dos rituais e das homenagens que lhe foram prestadas através de uma incursão em acervos de jornais locais (A Cruz e O Estado de Mato Grosso) e via imagens fotográficas do acervo da Agência Nacional. As homenagens são analisadas a partir da ótica do culto à personalidade do presidente, da seleção de discursos proferidos nas solenidades, assim como da consideração dos acontecimentos locais à luz dos usuais procedimentos da propaganda política do regime, em escala nacional.

ABSTRACT

The visit of Vargas to Cuiabá is approached through the recovery of the rituals and of the homages that were payed him through na incursion in collections of local newspapers (A Cruz and O Estado do Mato Grosso) and photographic images of the collection at the National Agency. The homages are analyzed starting from the optics of the cult to the president's personality, the selection of speeches made in the solemnities, as well as of the consideration of the local events on the light of the usual procedures of the political propaganda of the regime in national scale.

A VISITA DE GETÚLIO VARGAS A CUIABÁ: JÚBILO CÍVICO E CULTO À PERSONALIDADE

Carlos Américo Bertolini*

O presente artigo versa sobre as características do culto à personalidade do ditador, abordando as homenagens que lhe foram prestadas por ocasião de sua passagem por Cuiabá, em Agosto de 1941¹. A partir dessas considerações, se propõe uma incursão sobre a construção da memória histórica e sobre o papel social do passado. Aqui se postula que tenha havido uma linha direta de vinculação entre os mecanismos e os dispositivos de veneração ao líder nacional Vargas e àqueles que operaram na dimensão regional. Portanto, acredita-se que a herança getulista ainda esteja pairando, com seu manto de autoritarismo e de populismo, sobre a cena pública cuiabana.

O então chamado *Estado Nacional* procedeu a uma intensa centralização política e institucional nas mãos do governo federal, fosse pela anterior ampliação da área de ação dos ministérios, fosse pela sofisticação dos mecanismo de repressão e de controle ideológico, ou ainda pela substituição dos governadores eleitos por interventores nomeados, como no caso de Júlio Müller. Neste período, dentre as variadas formulações míticas de que o regime lançou mão para mobilizar apoio, destacou-se a *Marcha para o Oeste*, campanha lançada durante o discurso de Ano Novo, em 1938. É à luz deste contexto que

* Professor do Departamento de História/ICHS/UFMT desde 1982; Mestre em Educação Pública pelo Instituto de Educação/UFMT na área de Educação, Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa em História da Educação.

1 O presente artigo é uma versão alterada da comunicação apresentada sob o título *O Estado Getulista no Imaginário Cuiabano* em evento patrocinado pelo Arquivo Público do Estado de Mato Grosso e pelo Grupo Gazeta de Comunicação, realizado em Agosto e Setembro de 1998. Ficam registrados os agradecimentos ao professor Clementino Nogueira Neto e aos demais funcionários do APMT pela valiosa contribuição para a elaboração deste artigo. As referências aos artigos de jornais foram retiradas de coleções do acervo do APMT, dos jornais *A Cruz* e *O Estado de Mato Grosso*.

se compreende a importância da visita de Vargas ao Estado de Mato Grosso, principalmente ao lembrarmos que o Chefe da Nação redefiniu, a partir daí, a própria abrangência do nacionalismo da época, ao declinar a célebre consigna *o verdadeiro sentido da brasilidade está na Marcha para o Oeste*. Como condição fundamental para efetivar a propalada colonização da *hinterlândia* (expressão da época), entendia-se como estratégica a modernização das capitais dos Estados do Centro Oeste, o que implicou na reforma urbana de Cuiabá e na construção da nova capital de Goiás, Goiânia.

Sem este pano de fundo, não se poderia compreender a razão pela qual fora tão intenso o programa de inaugurações cumprido por Vargas ao longo dos dias 6 a 8 de agosto de 1941. Analogamente, sem se investigar o culto à personalidade do presidente, não seriam inteligíveis as inúmeras manifestações de apreço à sua pessoa, materializadas na série de homenagens, desfiles, jantares de gala, recepções privadas e missas votivas. Também fizera parte deste mesmo acontecimento a atenção devotada pelo presidente aos populares, aos trabalhadores e aos militares, reafirmando a adequação da categoria populismo de raízes teológico-políticas para designar tais práticas². Quando o chefe da nação se dirigiu diretamente às suas platéias em dois improvisos públicos, aquele em agradecimento à parada trabalhista e aquele em que enaltece as características ímpares da população cuiabana — ao afirmar que Cuiabá tinha o direito à primazia política regional, silenciando as reivindicações separatistas e o pleito de mudança da capital para Campo Grande —, o referido costume foi reiterado. Sem tais elementos, ficaria impossível perceber como legítima e sinceramente jubilosa a maciça presença popular aos eventos então organizados para homenageá-lo.

Diversas pesquisas publicadas abordam as práticas do

2 CHAUI, Marilena de Souza. Raízes Teológicas do Populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, Evelina (org.) *Os Anos 90: Política e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

período sob a ótica da sacralização da política³. Ao se analisar como eram recebidas as mensagens da propaganda política do regime, incorporando o imaginário popular, percebemos que a visão de mundo que as presidia era extremamente maniqueísta, apresentando o conflito social e político como uma luta entre o bem e o mal, o combate aos comunistas e aos demais inimigos do regime como uma *guerra santa*⁴, conduzida, simultaneamente, pelas autoridades eclesiásticas, onde sobressaíam Dom Sebastião Leme, no Rio de Janeiro, e Dom Aquino Corrêa, em Cuiabá, e por aquele que eles investiram na posição de líder providencial, o presidente Vargas. Assim se compreende por que, até nossos dias, a veneração aos ditadores e aos seus colaboradores mais próximos, como Dutra e Filinto Müller, calou tão fundo na memória coletiva: são expressões sacralizadas do confronto entre o bem e o mal, venerando os heróis míticos e demonizando os inimigos circunstanciais. Naquela época, os inimigos internos foram os comunistas, depois os integralistas, sucedidos pelas comunidades estrangeiras provenientes dos países da aliança anti-komintern, o chamado *eixo* Berlim-Roma-Tóquio. Ao abraçar esta divisão esquemática entre o bem e o mal, a propaganda política reforçava tais elementos, assumindo um papel central na homogeneização do imaginário coletivo, construindo a memória histórica dos dominadores, colaborando na produção do silêncio sobre diversos agentes políticos e históricos⁵.

Estudiosos do período enquadram a matriz ideológica implementada pelo Estado Novo à luz das considerações de Claude Lefort para o contexto do totalitarismo estalinista, como é o caso da linha de pesquisa aberta pelo saudoso Alcir Lenharo em seu livro *Sacralização da Política*. Na senda por ele aberta, é que se pode chegar a interpretação das características da

3 LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, SP: Papyrus/ Editora da Unicamp, 1986a.

4 CHAÚÍ, op. cit., nota 2.

5 FERRO, Marc. *A História Viggiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

política varguista, ou do que fora denominado na época de *getulização do regime*. Tratava-se do movimento sincrônico de constituição da figura do grande líder — ou *egocrata* na expressão de Lefort — que conduzia o *povo-Uno*, que apresentara também como contraface a intensa e reiterada produção de inimigos internos⁶, como ficou patenteado desde o momento do fracassado levante comunista de 1935. Pai dos pobres, pai dos trabalhadores, *egocrata*, cidadania tutelada e perseguição sistemática aos opositores do regime, com presídios abarrotados de prisioneiros políticos, tortura policial generalizada, assim como discriminação e humilhação de populações inteiras de imigrantes voluntários, como no caso dos europeus e dos asiáticos, ou dos remanescentes daqueles que foram trazidos para nossas terras na época da escravidão, como as populações afro-brasileiras, são elementos de um mesmo panorama de atraso e de falência da suposta solidariedade humana que caracterizaria a sociedade brasileira na versão oficial do período.

O *povo-Uno*, portanto, esconde a realidade brutal da produção dos contingentes de inimigos internos⁷, aos quais se contrapuseram o mítico cidadão brasileiro cristão, trabalhador, cordato e venerador das autoridades, fossem elas o professor da escola, os pais, os policiais, o prefeito, o interventor, o bispo, o presidente da república. Alcir Lenharo, ao recuperar obra do médico Gastão Pereira da Silva, intitulada *Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões*, lembrou que este colocava expressamente a recomendação de que a figura do líder fosse considerada uma continuidade da relação no espaço familiar, incorporando o mecanismo de identificação dos filhos com a autoridade patriarcal no interior da família. Seguramente, um pai extremamente autoritário, frente a uma família nacional depurada de boa parte de seus componentes: quem quer que contestasse a preeminência do comando estatal.

6 LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática: os limites do totalitarismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

7 *Ibidem*.

Depurada de todos os elementos que, segundo a metáfora organicista da sociedade⁸, foram considerados perniciosos pelas autoridades, reinava a ordem e imperavam os espetáculos, as paradas, as missas, os desfiles e as inaugurações, muitas e grandiosas inaugurações que, por sua vez, eram sucedidas de homenagens dos humildes agraciados ao *grande pai provedor*.

O primeiro Presidente da República a visitar Cuiabá encontrou uma população ávida de privar de sua companhia. Não era sem razão que a expectativa em torno de sua chegada fosse muito elevada: as obras que ele inauguraria já estavam em andamento desde há muito antes, infundindo nos municípios a certeza de que a cidade não seria mais a mesma de outrora, que o tão aguardado progresso faria sua passagem por aqui e, por fim, que a primazia política regional exercida por Cuiabá não mais seria contestada pelos grupos sulistas do eixo Campo Grande-Corumbá. Além desses elementos gerais do contexto do ano de 1941, devemos lembrar que o interventor federal Júlio Strubling Müller baixara, por ocasião do natalício daquele ano, o decreto número 53, cujo resultado fora, nas palavras do relatório fornecido ao Governo Federal para o biênio de 1941-42, a inauguração de *cem escolas rurais, em homenagem à data natalícia do Excelentíssimo Senhor Presidente da República*.

Na área social, a capital de Mato Grosso também vivia momentos agitados, mesmo com todas as restrições à atuação do movimento sindical, conforme nos deixa entrever a solicitação do Centro Operário e demais sindicatos em operação, que reivindicavam, já no dia 27 de Junho, providências ao interventor quanto à excessiva elevação do custo de vida. Se postula que — até que estudos mais específicos lancem luz sobre o tema — houve relação direta entre as reivindicações operárias e a participação de expressivo contingente de trabalhadores na parada da noite 7 de agosto, oportunidade em que Getúlio

8 ROMANO, Roberto. A fantasmagoria orgânica. In: *Corpo e Cristal: Marx romântico*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.

foi saudado por aproximadamente 15 mil participantes – cifra próxima à metade da população do município — que desfilaram em sua homenagem.

Homenagens, inaugurações, paradas e desfiles, assim como cultos religiosos que ganham as ruas na forma de procissões, podem causar grande transtorno aos afazeres normais de uma cidade, não sendo de espantar a solução usualmente aplicada para essas ocasiões, a da decretação de feriados. No dia anterior à chegada de Getúlio, em 5 de Agosto, o Prefeito Manoel Miraglia assim justificava a efeméride:

[...] considerando que Cuiabá tem a satisfação de receber pela vez primeira, a visita do mais alto magistrado do país;

considerando que a população cuiabana tem o máximo empenho e júbilo em prestar as suas homenagens, a tão plecaro e ilustre hóspede;

considerando finalmente que o poder público deva sempre compartilhar das justas alegrias do povo, proporcionando-lhe ao mesmo tempo felicidade para que possa dar a máxima expansão ao seu regozijo [...]

A interventoria federal também decretara feriado para o dia 6 de Agosto, com termos que repercutem os acima citados:

[...] atendendo à necessidade que tem o poder público não só de homenagear como também de facilitar ao povo os meios de render ao primeiro magistrado da Nação o seu preito de respeito, admiração e civismo [...]

Os documentos que restaram do período registram que os preparativos foram inúmeros, envolvendo as mais diversas atividades necessárias para bem receber hóspede tão importante. O trânsito fora alterado e até a circulação de coletivos sofreu modificações, tanto para liberar os espaços de encena-

ção, como a vizinhança da Residência dos Governadores e dos demais logradouros que seriam inaugurados, como para garantir que não fosse exagerada a afluência de populares ao aeroporto na recepção de chegada a Vargas. Quando a comitiva presidencial aterrizou, as gestões da chefatura de polícia se mostraram inúteis, tal a aglomeração que se formou para saudá-lo em primeira mão. Do aeroporto seguiram em cortejo até a Rua Cândido Mariano, onde esperavam, em formação, as delegações das tropas federais, estaduais e do tiro de guerra, além dos estudantes dos Liceus Salesiano e Cuiabano, acrescidas das delegações das demais escolas da capital. Enquanto se deslocava para o primeiro compromisso, foi intensamente aclamado por populares. Instalado no palanque montado na residência dos governadores, teve início a parada cívico-militar, momento em que todos os figurantes desfilaram em continência ao presidente, recebendo novas manifestações de carinho ao deixar o logradouro. A tarde do primeiro dia de sua estada fora dispendida na inauguração do prédio da sede do 16º Batalhão de Caçadores, onde almoçou com o comandante da guarnição e demais autoridades e convidados.

À noite realizou-se a solenidade social mais importante, o banquete no Palácio Alencastro, seguido de um baile de gala. Proferiram discursos o interventor federal, saudando o insigne convidado, ao que se sucedeu a alocução de agradecimento do presidente.

A agenda mais lotada foi a do dia 7: visita às repartições federais e estaduais, na manhã, com churrasco em chácara do Coxipó, de propriedade da família Esteves, onde se ampliaram os contatos sociais. Na tarde foram realizadas as demais inaugurações, culminando com a do Palácio da Justiça, às 17 horas. Contudo, os dois pontos altos da visita se dariam na noite do segundo dia de sua estada, com o *Te Deum Laudamus* solene na matriz – e subsequente recepção por populares que não conseguiram acompanhar os ofícios religiosos conduzidos pelo próprio Bispo Dom Aquino Corrêa. Constitui peça das mais relevantes, para análise do significado de que se re-

vestira a presença do presidente em Cuiabá, a oração gratulatória proferida por Dom Aquino.

Para a solenidade religiosa, a Matriz fora engalanada com grande cuidado e capricho: iluminação especial da fachada e de seu interior, ampliando a imponência do logradouro e intensificando a atmosfera de veneração mística. A nave da Igreja estava ocupada pelos alunos do Liceu Salesiano e pelas alunas do Asilo Santa Rita, todos impecavelmente vestidos de branco. À chegada do presidente, do interventor e da comitiva, fora executado o Hino Nacional pela Schola Santorum do Seminário, seguida da oração gratulatória, do *Te Deum* e da aparição conjunta do bispo, do interventor e do presidente para saldar a multidão de crentes que se aglomerara nas imediações da matriz. A reportagem do periódico *A Cruz* nos dá conta de que o homenageado ficou profundamente impressionado com o espetáculo da fé cristã da população cuiabana, referendando cabalmente os termos da alocação de Dom Aquino pouco antes enunciada. A peça de oratória continha uma completa declaração de princípios políticos e das bases sobre as quais se estabelecera a aliança da Igreja Católica com o Estado Novo, referendando, inclusive, as considerações inicialmente elaboradas sobre a sacralização da figura de Vargas.

A cobertura d'O Estado de Mato Grosso descreveu o evento nos seguintes termos:

As homenagens do clero local ao Chefe da Nação:

...a chegada do Presidente foi saudada pelas aclamações do povo que enchia a praça e por uma vibrante salva de palmas de quantos se achavam no templo, seguindo o canto do Hino Nacional pela 'Schola Cantorum' do Seminário em harmonia com o povo.

D. Aquino, descendo do trono, foi ao encontro do Presidente, apresentando-lhe os cumprimentos do clero.

Sentado o Presidente na poltrona que lhe fora reservado, assomou o Arcebispo ao centro da capela mor e tendo feito as saudações do protocolo iniciou o seu discurso...

Nas palavras de Dom Aquino Corrêa:

[...] que raros, e raras vezes, aqui estiveram oficialmente os Presidentes de Estado, em consequência do lamentável espírito agnóstico da nossa primeira Constituição republicana, que V. Excia. em bôa hora, aboliu, procurando reintegrar a República nas tradições cristãs da nacionalidade [...]

A quejandos regimes constitucionais, confesso-o candidamente, prefiro, mil vezes, um governo como esse, que há cerca de onze anos, vem regendo e felicitando os destinos do povo brasileiro.

Disse o filósofo grego que o juiz deve ser a Justiça animada: V. Excia., Senhor Presidente, tem sido a nossa constituição animada do verdadeiro espírito de brasilidade, que é a alma do Brasil, deste Brasil, que como bem disse V. Excia., “nasceu sob o signo da cruz” [...]

São manifestações públicas de fé eucarística, que se vão felizmente incrementando nas várias unidades da federação, graças a essa lídima noção de liberdade religiosa, introduzida pelo Estado Novo, noção muito diferente daqueloutra, em que o ateísmo gozava de foros de cidade, vendo-se a religião nacional condenada a viver numa como penumbra anacrônica das catacumbas [...]

A ocasião não podia ser mais propícia: é a visita de V. Excia. a Cuiabá, o primeiro Chefe de Estado Brasileiro, que se abalança até a nossa remota capital, relíquia do heroísmo bandeirante, engastada, como um solitário de esmeralda, neste longinquo ocidente da Pátria, onde a voz poderosa de V. Excia. vai produzindo maravilha maior do que todas as auroras boreais, porque teve a virtude de acender, não no oriente, mas em pleno oeste, uma aurora de progresso.

Assim é que vimos também agradecer ao Céu, os muitos benefícios de ordem moral e material, que por intermédio do fecundo governo de V. Excia., tem prodigalizado a Mato Grosso [...].

Enunciadas por um dos mais insígnies defensores do conservadorismo autoritário, estas palavras de Dom Aquino Corrêa bem demonstram como a cultura política local ficaria marcada por estas alianças entre os freqüentadores privilegiados dos contingentes círculos do poder que, aliás, também eram costumeiras no Distrito Federal. Dom Aquino havia sido um dos mais influentes articuladores da aliança entre o Estado getulista e a Igreja Católica, a ponto de Beozzo classificá-la como *concordata moral*⁹. Os termos em que o apoio da alta hierarquia católica se deu estão bem ressaltados na fala de Dom Aquino, ao referir-se à *essa lídima noção de liberdade religiosa, introduzida pelo Estado Novo*. Da ótica do pensamento político cristão vale mais quem se submeta à autoridade eclesiástica – posto que ela representa *as tradições cristãs da nacionalidade* – do que a defesa e o respeito à ordem e às instituições. Vale ressaltar que Dom Aquino concebia a liderança de Vargas dentro dos quadros de uma concepção de história providencial, elevando, posteriormente, Getúlio à condição de *nossa constituição animada do verdadeiro espírito da brasilidade*.

Após os ofícios religiosos, a comitiva presidencial se deslocou para um palanque montado na Residência dos Governadores, de onde presenciou uma das mais significativas homenagens recebidas ao longo de sua visita, a parada trabalhista, assim descrita pelo O Estado de Mato Grosso:

A PARADA TRABALHISTA

A parada trabalhista de ontem foi um espetáculo deslumbrante valendo por uma consagração do afeto popular ao Presidente da República.

O desfile dos sindicatos constituiu um espetáculo inédito na vida de Cuiabá, tal a vibração do povo e a sua confraternização diante do Presidente Getúlio Vargas [...] Havia no exultante e irrefreável contentamento das clas-

9 BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano*, Tomo III. São Paulo: Difel, 1984. 4 v.

ses trabalhistas e de todo o povo alguma coisa mais significativa do que a homenagem de classes ao homem extraordinário [...]. Havia ali, certamente, naquela vibração irrequieta de milhares de almas e de corações agradecidos o milagre sem igual da fraternidade geral da nação. Era a grande alma, era o grande coração ardente e generoso do Brasil que se inclinavam em face do Chefe Nacional, cujo Governo é a benção da paz, da harmonia e do trabalho, a benção radiosa da prosperidade, da riqueza e da honra nacionais.

Foi incalculável a multidão que desfilou por diante do palanque armado em frente da Residência dos Governadores [...].

Nas palavras acima a parada trabalhista deixou de ser uma manifestação política e de marcado cunho de protesto social para metamorfosear-se em *consagração do afeto popular ao Presidente da República*. A relação figurada como imediata entre os governados e o governante deveria ser vista sob a ótica da religiosidade: *o milagre sem igual da fraternidade geral da nação*. Entretanto, o papel reservado ao líder o elevava a uma posição de destaque e de provedor da harmonia e da concórdia, de maneira que *a grande alma, [...] o coração ardente e generoso do Brasil que se inclinavam em face do Chefe Nacional*.

Sabendo dedicar aos ouvintes as palavras que eles gostariam de ouvir, Getúlio, em seu discurso de agradecimento aos manifestantes da Parada Trabalhista que sucedeu aos ofícios religiosos, brindou os cuiabanos com esta pérola de sua oratória parlamentar:

Metrópole heróica das bandeiras, rica de quase dois séculos de história e transformada, através dos tempos, pelo trabalho de seus filhos, num adiantado centro de cultura, Cuiabá tem absoluto direito à primazia política que exerce.

Era a mensagem que os grupos econômicos e as lideranças políticas locais desejam ouvir, embora tenha sido dirigida aos participantes da Parada Trabalhista, como também era o costume na Capital Federal.

Estas poucas frases selaram um compromisso entre as facções políticas regionais que se alinhavam ao lado dos Müller e o Governo Federal, visando a neutralizar as manobras e as articulações dos grupos do eixo Corumbá-Campo Grande que se esgotaria durante a *redentora*, e que teve como consequência algo mais amplo que a simples mudança da capital estadual: a divisão, em 1977, do Estado, com a criação do Mato Grosso do Sul. Seguramente, não fosse o desaparecimento de Felinto Müller da cena pública em 1973, o pleito dos grupos sulistas não teria sido atendido. A sobrevida do pacto firmado entre mato-grossenses cuiabanos e o Estado Novo se revelou um dos mais brilhantes exemplos de como a ação estatal no período funcionava em duplo sentido: o governo federal elegia determinados grupos dentro do espectro político local para ocupar a posição de seu porta-voz direto – o distribuidor privilegiado das benesses estatais —, o que era retribuído com fidelidade absoluta e com a reprodução, em escala reduzida, dos mecanismos de arregimentação e de manipulação implantados pelo regime. Não fora fortuita, portanto, a reprodução local dos procedimentos de glorificação das lideranças, sendo procedente, desta perspectiva, estabelecer uma correlação entre o getulismo central e o felintismo periférico, questão que lança alguma desconfiança sobre a amplitude dos poderes concentrados nas mãos do ditador e permite matizar o alegado predomínio completo da esfera federal sobre as diversas regiões do país. Sem dúvida, como no exemplo em apreço, às hostes regionais interessou muito manter o mito do controle completo de Vargas sobre a política nacional, pois colocava aos que assim alegavam na confortável posição de democratas ao longo da República Populista (1946-1964). Este elemento explica, em boa medida, a dinâmica partidária nos contextos eleitorais do período populista.

Referências Bibliográficas

- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris (org.). **O Brasil Republicano**. Tomo III, São Paulo: Difel, 1984. 4v.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Raízes Teológicas do Populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, Evelina (org.) **Os Anos 90: Política e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FERRO, Marc. **A História Viglada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática: os limites do totalitarismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papyrus/ Editora da Unicamp, 1986a.
- ROMANO, Roberto. A fantasmagoria orgânica. In: **CORPO e Cristal: Marx romântico**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.